

## PERDA DA IDENTIDADE CULTURAL E MASSIFICAÇÃO DOS HÁBITOS E COSTUMES PROVOCADAS PELA GLOBALIZAÇÃO

**Márcia Perez de Vilhena Paiva, Fabio Ricci, Adriana Leônidas de Oliveira**

Universidade de Taubaté/Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional  
Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225, Centro, 12020-330, Taubaté, SP - Brasil  
mpvpaiva@yahoo.com.br; professorfabioricci@gmail.com; adrianaleonidas@uol.com.br

**Resumo-** Este artigo pretende apresentar uma crítica à forma como a globalização – que é primordialmente um processo de tendência para a mundialização da economia, dos negócios e dos mercados –, vem massificando gostos e hábitos de consumo, difundindo o capitalismo, transformando os valores, os hábitos, os costumes e as tradições, podendo assim afetar a identidade cultural dos povos. Este artigo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa exploratória e bibliográfica em livros, e faz uma abordagem sobre identidade cultural, liberdade, democracia, direitos humanos, globalização, e algumas diferenças entre a cultura "ocidental" e "não-ocidental". Para que diversas culturas não sejam aniquiladas com o processo da globalização, são apresentadas algumas soluções por alguns autores, para se manter o respeito ao homem e à sua identidade cultural.

**Palavras-chave:** Cultura, Globalização, Massificação

**Área do Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas

### Introdução

No Brasil já foram publicadas centenas de livros sobre o tema globalização, ora com fascínio, ora com rejeição (THIOLLENT, 2003).

Zaoual (2003) diz que a extrema diversidade de populações no mundo, com crenças e práticas variadas, nos incita a manifestar mais modéstia no conhecimento das interações entre as culturas e o desenvolvimento. A ciência econômica situa-se no comando da civilização global. A tensão entre a ascensão da mundialização das economias, de um lado, e a volta às identidades, de outro, desempenha papel fundamental na decomposição-recomposição do pensamento do social. A modernidade liberta e aprisiona. O desenvolvimento é capitalista. É um sistema que combina o mercado, a ciência, a tecnologia e procede, de um lado, por meio de concorrência e de acumulação de riquezas, e, de outro, por intermédio de empobrecimento antropológico e material. A globalização tornou-se uma "máquina incontrolável e excludente", já que é governada por mecanismos econômicos culturalmente anônimos. Para se instituir como ciência e como prática, ela se distanciou da ética e das culturas. A lógica do crescimento econômico é incompatível com a ecologia e a preservação da diversidade das culturas. A maximização do lucro confunde-se com a do "bem-estar" da sociedade. Não há espaço para reflexão, é preciso agir como máquina, de acordo com as exigências do mercado. O fatalismo conquistou o Ocidente e o vazio de suas substâncias intelectuais e morais. O

Ocidente tem contribuído para a destruição de numerosas populações ao impor modelos de progresso e de organização social inadequados à grande diversidade. Elas são transformadas em populações-alvo, às quais são administradas receitas econômicas prontas.

Segundo Carvalho (2005), um fato positivo da globalização é a diminuição das distâncias entre os povos. Porém, ao mesmo tempo, está sendo criado outro fato que pode se tornar perigoso, que é a perda da identidade cultural dos povos e a massificação dos hábitos e costumes.

Este artigo pretende apresentar uma crítica à forma como a globalização vem massificando gostos e hábitos de consumo, difundindo o capitalismo, transformando os valores, os hábitos, os costumes e as tradições, podendo assim afetar a identidade cultural dos povos.

### Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e de revisão bibliográfica, que se vale de livros, com o objetivo de obter-se uma visão geral do tema, que é pouco explorado, com vistas a torná-lo mais explícito, mais esclarecido e delimitado. Em síntese, o objetivo é focar a globalização e o modo como vem afetando a identidade cultural dos povos com a massificação de seus hábitos e costumes.

**Resultados****Identidade cultural**

A palavra "cultura" deriva do verbo "cultivar", referente à lavoura da terra (HOFSTEDE, 1991; TROMPENAARS, 1994). O antropólogo Tylor (1871 apud LARAIA, 2009) foi o primeiro a propor o sentido do termo "cultura" significando o conjunto de conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Essa definição abrange todas as possibilidades de realização humana, além de marcar a palavra "cultura" como sendo todo comportamento aprendido, algo produzido e transmitido socialmente, e não geneticamente.

Hofstede (1991) também diz que a cultura é adquirida e não herdada, que provém do ambiente social do indivíduo e não dos genes. Para o autor, as diferenças culturais manifestam-se na forma de camadas de uma cebola. Na camada mais externa, que representa as manifestações mais superficiais da cultura, estão os símbolos (palavras, gestos, figuras, objetos). Numa camada intermediária estão os heróis (pessoas que servem de modelos) e rituais (atividades coletivas). E nas mais profundas estão os valores (preferir uma coisa a outra). Os valores fazem parte das primeiras coisas que as crianças aprendem de forma muitas vezes inconsciente. A identidade cultural constitui-se em ter os próprios valores culturais. A forma como os pais vivem a sua própria cultura fornece à criança a sua identidade cultural, e esse sentido de identidade dá um sentimento de segurança no contato com outras culturas.

Para Lopes (1995, p. 23), cultura é "o conjunto de transformações, apropriações e interpretações que o homem realiza junto à natureza". A cultura surge na relação homem-natureza. O homem, como ser biológico, prende-se ao âmbito da natureza, porém, os princípios que regem sua conduta, desde o nascimento, prendem-se ao âmbito do social. Ele ocupa uma posição intermediária, seria o elo de ligação entre a natureza e o social. Ele não é somente natureza (com ausência de intencionalidade), e nem somente social (conduta regulada por normas sociais). O que o difere de outros seres da natureza, como as árvores, é a intencionalidade, o trabalho, a transformação, enfim, a cultura. A ideia de que existe uma natureza humana é importante, pois implica que a posição do homem contém todos os elementos necessários para o equilíbrio do processo.

Sobre a cultura brasileira, Bosi (1987) afirma que ela não é unitária ou homogênea, ela tem caráter plural. A identidade nacional é resultado de

um processo de interações entre cultura popular, de massa e erudita, e também entre culturas ibéricas, indígenas, africanas e migrantes (italiana, alemã, síria, judaica, japonesa, norte-americana).

**Liberdade e Democracia**

Segundo Sen (2000), alguns segmentos da comunidade sofrem privações, como a negação do acesso aos mercados de produtos, devido a restrições tradicionais, as quais mantêm esses segmentos excluídos dos benefícios da sociedade orientada para o mercado e dos juízos a respeito de diferentes estilos de vida e valores associados à cultura dos mercados. O papel dos valores sociais e costumes podem influenciar as liberdades das pessoas. O exercício da liberdade é mediado por valores. Tem-se afirmado muitas vezes que liberdade política, liberdades formais e democracia são especificamente "ocidentais", que contrariam os "valores asiáticos", os quais seriam mais voltados para a ordem e a disciplina do que para liberdades.

Segundo Galbraith (1992), camponeses pobres podem ser controlados e privados de seus direitos políticos pelos proprietários de terras. Já cientistas, jornalistas, professores, artistas, poetas e estudantes, exigindo participação na sociedade industrial, não podem ser manipulados. A liberdade de expressão e a participação do povo no governo são virtudes sociais. A partir de um determinado ponto do desenvolvimento econômico, elas se tornam socialmente necessárias e politicamente inescapáveis.

**Direitos Humanos**

Os direitos humanos pertencem à ética social, e são vistos como direitos comuns a todos – independentemente da cidadania –, seriam os benefícios que todos deveriam ter. Os direitos humanos requerem universalidade, mas não existem esses valores universais. Algumas culturas não consideram os direitos mais valiosos que outras virtudes ou qualidades. Os asiáticos são céticos quanto aos direitos humanos. Existem éticas, como as das culturas confucianas, que ressaltam a disciplina em vez dos direitos, a lealdade em vez das pretensões (SEN, 2000).

Para Hofstede (1991), a Declaração Universal dos Direitos do Homem, adotada em 1948, está inspirada em valores ocidentais individualistas e universalistas, não são partilhados pelas populações e dirigentes de todo o mundo. Potenciar o respeito pelos direitos humanos é uma meta digna para um mundo intercultural.

**Críticas à Globalização**

Zaoual (2003) critica o modelo de desenvolvimento capitalista imposto pelo Ocidente

aos países ditos em desenvolvimento, em nome da globalização. Além da questão econômica, a ocidentalização do mundo traz consequências devido ao desrespeito à diversidade das culturas, civilizações ou religiões (THIOLLENT, 2003).

Zaoual (2003) considera a ideia de um modelo único "um absurdo científico", mesmo nos limites da civilização do capitalismo, a qual contém uma grande variedade de configurações evolutivas. O modelo geral destrói a infinita diversidade das pessoas e dos lugares. A mundialização sob o domínio de um só e único modelo, predatório com relação a recursos naturais e destruidor da diversidade, gera as condições de uma guerra de civilizações e de cultura. Qualquer tentativa de um país sair do circuito econômico e político do Ocidente provoca ira e retaliações, já que isso põe em risco sua dominação sobre os povos não-ocidentais. O Ocidente quer, a qualquer preço, controlar tudo. É um tipo de imperialismo.

O desenvolvimento econômico pode ser danoso a um país, já que pode conduzir à eliminação de suas tradições e herança cultural, sob o argumento de que é melhor ser rico e feliz do que pobre e tradicional (SEN, 2000).

Existe uma cultura, chamada cultura do contentamento, que Galbraith (1992) explica como sendo o fato de pessoas e comunidades, que usufruem de condições econômicas, sociais e políticas favorecidas, acreditarem que isso seja virtude social e que terá durabilidade política. Existe um mercado político para tudo aquilo que agrada e tranquiliza. Os privilegiados não se sentem culpados por sua boa fortuna pessoal diante de uma classe trabalhadora, e nem estão dispostos a aceitar medidas econômicas, mesmo que tragam benefícios aos menos favorecidos ou salvem o sistema econômico do país.

No Brasil, conforme explica Coutinho (1997), a rápida mudança tecnológica e do ambiente competitivo internacional impõem uma política baseada na cooperação, descentralização e mobilização dos agentes. Essa busca da competitividade requer também o reconhecimento dos efeitos perversos. O dinamismo do mercado de trabalho urbano pelo processo de industrialização viabilizou durante quatro décadas um forte movimento de urbanização/metropolização, o que provocou o "êxodo rural", inchando as periferias das cidades e se acumulando bolsões de pobreza. Depois, uma reestruturação da indústria agravou o problema, as metrópoles passaram a expulsar populações para o sistema urbano de médio e pequeno porte e/ou de volta para o mundo rural.

Segundo Lopes (1995), modernidade é a emancipação de novas formas de organização da produção (realização) e da vida em sociedade

(idealização). Na história ocidental, percebe-se que somente a classe burguesa alcançou a emancipação pronunciada por aqueles ideais. Ser moderno tornou-se ser "burguês". A produção capitalista representa a aspiração social das classes baixas em atingir o "estilo de vida" da burguesia. Uma necessidade de consumo se diversifica à medida que se diversificam os estilos de vida burgueses. Há um mercado de bens materiais e um mercado de bens simbólicos. Este é a projeção dos estilos de vida burgueses que sustentam as aspirações de ascensão social das demais classes da sociedade. São "bens que não estão à venda". Não são somente produtos industrializados, a moda e os subprodutos culturais, mas também, a educação, a religião, a política e os demais produtos do projeto burguês. O projeto da burguesia coloca num mesmo plano o ideal de igualdade e o direito de propriedade, como expressões ideais de liberdade – liberdade de direitos e oportunidades.

Sobre o raciocínio autoritário presente na Ásia, Sen (2000) observa que é também encontrado nos modos de pensar do próprio Ocidente. Estados Unidos e Europa supõem que liberdade política e democracia são características fundamentais da cultura ocidental – contraste entre o autoritarismo e o respeito pela liberdade. Os ocidentais que se empenham pela liberdade pessoal e política no mundo não-ocidental estão levando valores ocidentais. O autor coloca que: "O mundo é convidado a entrar para o clube da 'democracia ocidental' e admirar e defender os 'valores ocidentais' tradicionais." (SEN, 2000, p. 267).

Zaoual (2003) diz que está fazendo um pouco de ocidentalismo ao afirmar que o desenvolvimento nasceu de uma vontade de potência da cultura ocidental entendida como projeto de domínio do mundo.

Segundo Sen (2000), o mundo contemporâneo é dominado pelo Ocidente, especialmente nos aspectos culturais. O poder esmagador da cultura e do estilo de vida ocidentais está destruindo modos de vida e costumes sociais tradicionais. Esse mundo globalizante de hoje é uma grave ameaça ao valor da tradição e dos costumes culturais nativos, porém inescapável. Os ajustes econômicos podem provocar superação de métodos de produção e tecnologia, mas também perda de cultura. O autor compara o impacto dessas duas situações dizendo que quando ocorre um ajustamento econômico, quase não se lamentam os métodos de produção e a tecnologia que foram superados, mas "No caso da cultura, porém, as tradições perdidas podem fazer muita falta. A extinção de antigos modos de vida pode causar angústia e um profundo senso de perda. É

um pouco como a extinção de espécies de animais mais antigas." (SEN, 2000, p. 276).

No campo das organizações, Trompenaars (1994) estudou as diferenças culturais e como elas afetam o processo de negociação e o gerenciamento. O objetivo de seu estudo é acabar com a idéia de que há "a melhor forma" de gerenciamento. Alguns processos de gerenciamento perdem eficácia quando são ultrapassadas as fronteiras culturais. Muitas empresas aplicam no estrangeiro fórmulas que foram criadas ou tiveram sucesso em sua própria cultura. Não se pode dar conselhos universais que funcionarão independente da cultura. Os axiomas gerais da administração se transformaram em axiomas culturais norte-americanos. Há dilemas ou problemas universais da existência humana. Todos os países e empresas enfrentam dilemas: na relação com as pessoas; na relação com o tempo; nas relações entre as pessoas e o ambiente natural. Soluções norte-americanas nem sempre resolvem os dilemas de outros países. Os Estados Unidos têm sido a principal fonte da teoria administrativa. Precisamos de uma certa dose de humildade para descobrir outras culturas diferentes da nossa. Não há respostas universais, mas perguntas ou dilemas universais.

Hofstede (1991) diz que muitos instrumentos de trabalho e estudo interculturais usados mundialmente também são ocidentalizados. Um exemplo é os instrumentos usados na arte da negociação internacional. Nos Estados Unidos surgiram muitos livros, cursos de formação e programas informáticos que simulam processos de negociação, mas são irrelevantes ao nível das negociações interculturais. Estas abordagens americanas partem da premissa de que as partes envolvidas possuem valores e objetivos aceitos na sociedade americana. Não se pode assumir a existência de valores e objetivos comuns.

Bosi (1987) diz que os meios de massa estão no mesmo passo que a produção e o mercado de uma sociedade capitalista internacional, fabricando ininterruptamente signos com vistas ao consumo total, alguns até 24 horas por dia: TV, rádio, postos bancários, cinema, imprensa, telefone, revistas. É a lei do maior número, no prazo mais breve e com lucro mais alto. Essa fabricação de bens simbólicos em ritmo industrial fornece um modelo de "tempo cultural acelerado". Esses bens devem durar pouco, só enquanto o público mostrar que quer consumi-los, até substituí-los por novos. Isso ocorre com os "enlatados" na TV, com as notícias já prontas (vindas de agências internacionais), e com a música comercial norte-americana. Uma consequência dessa indústria cultural é a perda generalizada de memória social, pois o espectador

não tem tempo de absorver esses bens. As pessoas só guardam o que sua própria cultura vivida lhe permite filtrar e avaliar. Para ser feita essa seleção, é preciso que o espírito do consumidor conheça outros ritmos além do da indústria dos signos. Se isso não ocorrer, teremos a massificação.

### Discussão

Zaoual (2003) diz que, nesse movimento de ocidentalização do mundo entendida como projeto de domínio e acumulação, a diversidade dos não-ocidentais ressurgiu e resiste ao aniquilamento. Há necessidade de uma civilização baseada na diversidade. A ruptura com o capitalismo e sua mundialização contemporânea requer uma verdadeira nova civilização abrangendo todos os domínios da condição humana. Trata-se de uma mudança de sentido que se dá ao homem, à natureza, ao progresso, ao outro, à liberdade, à justiça, ao tempo etc. "É imperativo redefinir, de modo crítico, tudo o que define a ideologia econômica sobre a qual se baseia e se reproduz o sistema capitalista. Isto é o pré-requisito do pós-desenvolvimento." (ZAOUAL, 2003, p. 37).

Para Carvalho (2005), é imprescindível que as nações não se esqueçam de seu passado histórico, não correndo assim o risco de negligenciar sua cultura. É necessário respeitar hábitos e costumes de cada nação e evitar a homogeneização de seus valores.

Hofstede (1991) diz que o êxito dos contatos interculturais pressupõe que os parceiros acreditam nos seus próprios valores. Para sobreviver num mundo multicultural, não é necessário pensar, sentir ou agir da mesma forma para chegar a acordos e cooperações. É primordial compreender inicialmente os próprios valores culturais e, em seguida, os valores culturais daqueles com os quais temos que cooperar. A cultura de um país tem um impacto profundo nas organizações, com repercussões nos negócios e nos governos. As culturas organizacionais são menos a expressão de valores dos seus membros e mais manifestações superficiais como símbolos, heróis e rituais comuns. São fenômenos relativamente superficiais e isentos de valores, porque existem organizações internacionais compostas por indivíduos de diferentes países com valores nacionais diferentes. A diversidade cultural permanecerá ainda durante muitos séculos, bem como as diferenças entre países estão aumentando.

Sen (2000) diz que, se algumas partes da tradição não puderem ser mantidas juntamente com mudanças econômicas e sociais, ou seja, se um modo de vida tradicional tem de ser sacrificado

para tornar a vida melhor, as pessoas diretamente envolvidas têm de ter a oportunidade de participar da decisão do que deve ser escolhido. Existe conflito entre permitir às pessoas decidir livremente que tradições elas desejam ou não seguir, e entre insistir que as tradições estabelecidas sejam seguidas, ou que as pessoas têm de obedecer às decisões de autoridades religiosas ou seculares que impõem a observância das tradições. Havendo indícios de conflito real entre a preservação da tradição e as vantagens da modernidade, o autor diz que "É necessário uma resolução participativa, e não uma rejeição unilateral da modernidade em favor da tradição imposta por dirigentes políticos, autoridades religiosas ou admiradores antropológicos do legado do passado." (SEN, 2000, p. 48).

Para Sen (2000), a questão deveria ser aberta às pessoas afetadas para que abordem e decidam em conjunto o que elas desejam, ao invés de se tentar tolher a liberdade de participação com o pretexto de defender valores tradicionais (como o fundamentalismo religioso, o costume político ou os valores culturais). O apeço à tradição não justifica uma supressão geral da liberdade. A solução seria uma transição gradual, o que tornaria a globalização menos destrutiva para o modo de vida tradicional. A fim de suavizar o processo de transição, é preciso também oferecer novo preparo profissional, novas qualificações, e redes de segurança social, para aqueles prejudicados pelas mudanças globalizantes. Cabe à sociedade decidir o que deseja fazer para preservar os métodos de vida antigos, as pessoas participando de discussões públicas sobre o assunto, isto sim seria direitos humanos.

Bosi (1987) diz que a propaganda usa técnicas de aliciamento e sedução. Se um dia o público se saciar ou se indispuer a receber novas excitações, o sistema estaria arriscado a falir. O pensamento social pode servir de instrumento para a construção de ideais que promovem maior socialização dos bens materiais e espirituais.

Segundo Zaoual (2003), para os movimentos sociais é imperativo que se desconstrua o paradigma do mercado como o "centro nervoso da globalização". Entretanto, todas as políticas permanecerão atreladas ao domínio da economia e da globalização, se não se aceitar a idéia de que o mercado deveria ser contido e limitado em sua pretensão de reger o conjunto das relações entre os homens, a natureza e os ecossistemas. Isso significa que a civilização econômica nascida no Ocidente deve ser questionada. O fim do modelo único é também o encerramento de uma cultura, a que tem sido construída sobre a vontade de potência e de dominação do Homem e da Natureza. À medida que cresce o global, também

amplia-se o sentimento do local. Reconhecer a diversidade e a necessidade dos intercâmbios culturais leva à abolição da supremacia das categorias econômicas, mecanicistas e excludentes.

A globalização é inevitável, conforme comenta Fullman (1994), e ninguém mais consegue ser uma ilha, ou um ermitão alheio ao que se passa ao seu redor.

Trompenaars (1994) explica que, com a globalização dos mercados, o layout de produtos, sistemas e procedimentos organizacionais estão sendo padronizados. Há uma teoria segundo a qual a internacionalização criará, ou pelo menos levará, a uma cultura comum a todos os países do mundo. Isso facilitaria enormemente a vida dos gerentes internacionais. Muitos produtos e serviços estão se tornando comuns aos mercados mundiais. Mas o importante não é considerar o que eles são e onde são encontrados fisicamente, mas o que eles significam para as pessoas de cada cultura. A essência da cultura não é o que se apresenta aparentemente visível, mas como as pessoas entendem e interpretam o mundo.

Bosi (1987) diz que existe uma "outra cultura" capaz de resistir aos meios maciços de comunicação, interpretando só o material que lhe enriquece. Trata-se da cultura das classes pobres, iletradas (cultura popular tradicional), e da cultura conquistada pela escolaridade média superior (cultura erudita moderna). A resistência de ambas, intencional ou não, é por causa de sua história, do ritmo próprio, do modo peculiar de existir. Nem uma nem a outra constróem-se a partir de um regime de produção em série. Na cultura popular, toda inovação vem traduzida para velhos padrões de percepção e sentimento já interiorizados. Nas manifestações rituais, como festas populares ou religiosas, há uma conaturalidade entre os eventos e os seus participantes. Quando o turismo ou a TV tomam conta dessas práticas, a festa exibida, mas não partilhada, torna-se espetáculo. Já no mundo da pesquisa e erudição, a cultura sempre foi considerada por excelência. No mercado atual de signos, a cultura "superior" guarda alguma forma de liberdade interior, de autonomia, lhe dando consciência universalizante.

Segundo Hofstede (1991), a cooperação intercultural à escala mundial não é sinônimo de democracia mundial. Os governos autoritários continuarão a predominar na maior parte do mundo, pelo menos durante alguns séculos. As diferenças culturais descritas na literatura há vários séculos ainda perduram hoje apesar dos contatos estreitos e prolongados entre as nações. Por isto essa diversidade também permanecerá ainda durante muitos séculos.

**Conclusão**

No mundo há uma enorme diversidade cultural. A globalização da economia e da informação se confronta com as identidades culturais. O desenvolvimento é capitalista, incentiva o consumismo. O Ocidente quer impor um modelo único de progresso capitalista e isso pode provocar perda da identidade cultural dos povos e a massificação dos hábitos e costumes.

A identidade cultural significa ter os próprios valores culturais. O modelo de desenvolvimento capitalista imposto pelo Ocidente desrespeita a diversidade das culturas, civilizações e religiões. É um tipo de imperialismo. O desenvolvimento econômico pode eliminar tradições e heranças culturais.

O autoritarismo, comum aos asiáticos, está presente também no Ocidente, que se diz democrático, mas impõe a todos os países os valores ocidentais. O estilo de vida ocidental está destruindo modos de vida e costumes sociais tradicionais.

O mundo globalizante de hoje é uma grave ameaça ao valor da tradição e dos costumes culturais nativos, porém inescapável.

Os meios de comunicação de massa produzem ininterruptamente, e em ritmo acelerado, bens simbólicos visando o consumo total. Há uma "outra cultura" que resiste aos meios maciços de comunicação: a cultura popular e a cultura erudita. Na primeira, os participantes têm necessidade de interagir com os eventos. A segunda tem liberdade interior, autonomia e consciência universalizante.

Há uma teoria de que a globalização levará a uma cultura comum a todos. Produtos e serviços estão se tornando comuns aos mercados mundiais, mas eles têm significados diferentes para as pessoas de cada cultura, e isso deve ser respeitado.

Há necessidade de uma civilização baseada na diversidade. É necessário respeitar hábitos e costumes de cada nação e evitar a homogeneização de seus valores.

A solução seria uma transição gradual para a globalização, cabendo à sociedade decidir o que deseja fazer, se deseja preservar as tradições ou aderir à modernidade.

As diferenças culturais descritas na literatura há vários séculos ainda perduram hoje, donde se conclui que essa diversidade deverá permanecer ainda durante muitos séculos.

Concluiu-se que muitos autores concordam que a imposição ocidental em nome da globalização afeta muitas identidades culturais, introduzindo novos conceitos capitalistas e consumistas aos valores tradicionais, mas por outro lado os valores

estão tão enraizados nas pessoas, que dificilmente algumas culturas irão acabar.

Já que não vai ser possível reverter a globalização, a alternativa é torná-la menos ocidentalizada, respeitando as diversidades, as liberdades de escolha de cada um, para que o processo de globalização seja suave, gradual, tornando-o o menos destrutivo possível para as tradições culturais.

**Referências**

BOSI, A. **Plural, mas não caótico**. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987, p. 7-15.

CARVALHO, C.P. Prefácio. In: MEIRELLES, G.F.; BARROS, M.E.A. **O negócio é o seguinte: hábitos e costumes dos povos e sua influência na vida empresarial**. São Paulo: Ibradep, 2005, p. 5.

COUTINHO, L. O desafio da competitividade sistêmica no Brasil. In: JUNG, W. (Org.) **Inserção na economia global: uma reapreciação**. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer Stiftung, Série Pesquisas, n. 8, 1997, p. 101-127.

FULLMANN, C. Prefácio. In: TROMPENAARS, F. **Nas ondas da cultura: como entender a diversidade cultural nos negócios**. São Paulo: Educator, 1994, p. XIII-XIV).

GALBRAITH, J.K. **A cultura do contentamento**. 1. ed. São Paulo: Pioneira, 1992.

HOFSTEDE, G. **Culturas e organizações: compreender a nossa programação mental**. 1.ed. - 2. reimpr. Lisboa: Edições Sílabo, 1991.

LARAIA, R.B. **Cultura: um conceito antropológico**. 24.ed.[reimpr.]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LOPES, J. R. **Cultura e Ideologia**. Taubaté: Robe/Cabral, 1995, p. 23-55.

SEN, A.K. **Desenvolvimento como liberdade**. 1.ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

THIOLLENT, M. Apresentação. In: ZAOUAL, H. **Globalização e diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 7-11.

TROMPENAARS, F. **Nas ondas da cultura: como entender a diversidade cultural nos negócios**. São Paulo: Educator, 1994.

ZAOUAL, H. **Globalização e diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2003.